GT 041. Islã e suas interfaces no Brasil e no mundo Erancirosy Campos Barbosa (USP) Coordenador/a, Sonia Cristina Hamid (Instituto Federal de Brasilia) - Coordenador/a, Paulo Gabrie Hilu da Rocha Pinto (Universidade Federa

Fluminense) – Debatedor/à o isl? ? uma das religi?es que mais cresce no mundo, tendo, inclusive, forte presen?a em pa?ses ocidentais. A despeito disso, ele segue sendo ideologicamente constru?do de modo ?orientalista?, visto como uma religi?o ex?tica e retr?grada, al?m de uma amea?a a um suposto ordenamento secular ocidental. De modo a superar uma vis?o essencialista e homog?nea do isl? e de seus praticantes, buscamos o di?logo com pesquisadores que v?m se dedicando a investiga?es sobre esta religi?o em suas variadas intersec?es com quest?es nacionais, econ?micas, ?tnicas, raciais, geracionais, de classe, de g?nero e/ou de instru??o. Da mesma forma, buscamos abordagens que mostrem as rela?es entre fen?menos globais e locais e que apontem, por exemplo, de que modo eventos pol?ticos que ocorreram ou vem ocorrendo em pa?ses com popula?es de maioria mu?ulmana ? primavera ?rabe; radicaliza??o de grupos religiosos; guerras civis em pa?ses como a S?ria; deslocamentos populacionais ? influenciam as percep?es e as vidas de homens e mulheres mu?ulmanos de diferentes maneiras, globalmente. Aceitamos tanto propostas que abordem estas quest?es a partir de perspectivas exclusivamente te?ricass, quanto aquelas que apresentem pesquisas emp?ricas.

Etnografia em comunidades muçulmanas: o marcador de gênero na construção dos dados Autoria: João Rodolfo Lopes Pereira

As diferentes formas de Islã são um universo à parte. No Brasil, as comunidades muçulmanas possuem cerca de um milhão de membros e constituiu-se a partir de imigrações vindas do Oriente Médio no século XIX e conversão de brasileiros (PINTO, 2005, p. 230). Cada comunidade muçulmana requer do pesquisador diferentes estratégias de inserção, comportamento e coleta de dados. Conhecer os códigos de conduta da comunidade a qual se pretende estudar pode ser um desafio para pesquisadores que nunca tiveram qualquer contato com o Islã, pois não pode ser completamente apreendida pelos textos sagrados do Islã, mas devem ser apreendidos durante a pesquisa de campo. Uma das questões mais recorrentes em etnografias em comunidades muculmanas que influem na construção dos dados é a dinâmica de gênero. Ferreira (2009, p. 444) nos mostra como a construção dos espaços constroem a performance a ser assumida por ela, quanto mulher, em sua experiência etnográfica ao lado de mulheres muçulmanas. ?É um universo de meandros, de gentilezas, de comportamento recatado, olhar baixo, ouvidos atentos, gestos comedidos, e até mesmo extravagantes, dependendo da situação?. As imposições de uma performance de gênero não são apenas construídas na materialidade do corpo da etnógrafa, mas também ?no entorno, nas cercanias e nos circuitos da ação?. Estas performances são construções socioculturais de um discurso no qual afirma que ?cabe à mulher o cuidado com a casa e com os filhos e ao homem a obrigação de provê-los? pois ?as mulheres são mais ?sensíveis?, ?emocionais?, em contraposição aos homens, que são mais ?independentes? e ?autoritários??, organizando assim o espaço numa divisão de gêneros onde a esfera privada é o lugar feminino e a esfera pública o espaço masculino (FERREIRA, 2009, p. 449 apud HAMID, 2007, p. 109). Esta divisão do espaço organiza a circulação de homens e mulheres, que ficam limitados a determinadas áreas da casa e da mesquita. Pode-se perceber, a exemplo, nos momentos de oração na Sociedade Beneficente Muçulmana do Rio de Janeiro os espaços reservados aos homens e às mulheres. ?[...] há uma pequena parte da sala que lhes fica simbolicamente reservada, uma vez que como regra religiosa, a mulher deve ficar atrás do homem nas orações (CHAGAS, 2006, p. 74)?. Por conta desta configuração sociocultural, a inserção no



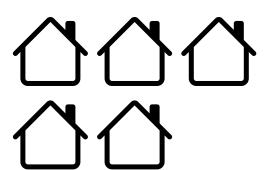
campo, assim como a construção de contatos e a performance do etnógrafo durante a pesquisa atravessa questões de gênero. Este artigo, portanto, objetiva compreender como o tema gênero passa a se configurar como marcador na construção dos dados em pesquisas etnográficas. Para isto, analisar-se-á teses e dissertações na área de antropologia defendidas em universidades brasileiras entre 2005 e 2017 a partir da temática de gênero.

Trabalho completo

Realização:



Apoio:



Organização:

